



## EDITORIAL:

### Um Olhar sobre a Condição Humana

Tássia Vianna de Carvalho

Mestra e Doutoranda em Filosofia pelo PPGF/UFRJ.  
Possui bacharelado e licenciatura em filosofia pela UFF.  
Membro do GT de Filosofia Francesa Contemporânea da ANPOF.  
Pesquisadora nas áreas de Fenomenologia e Filosofias da Existência.

#### I. O Movimento Inacabável

O Exercício filosófico é, por excelência, um exercício reflexivo. Contudo, a reflexão sempre requer uma atitude originária em relação ao mundo sobre a qual ela se funda. Essa lição, herdada da fenomenologia clássica – já presente no pensamento Husserliano desde os seus escritos iniciais, e que reaparecerá nas obras de Sartre e Merleau-Ponty – norteará a recepção francesa desta tradição que ganhará visibilidade sobre a alcunha de *A Tradição Existencialista* que erige na França ao fim do Século XIX. Toda reflexão é reflexão sobre um irrefletido – e a vivência irrefletida, a existência, por si própria, será o objeto de estudo desta tradição em questão.

No entanto, um mínimo senso de prudência nos alerta dos perigos que corremos ao tentar trazer unidade a uma tradição que se mostra tão vasta, que pode ser lida como uma história de dissensos e de interpretações conflitantes – e, para muitos, até mesmo equivocadas<sup>1</sup> – do pensamento husserliano. Temos em mente, aqui, o prefácio um tanto quanto provocativo de Carlos Alberto Ribeiro de Moura à edição brasileira de *Ideias I*, de E. Mundo, no qual o tradutor profere:

Sartre não disfarça a forte impressão que lhe causou o relato de Raymond Aron, contando-lhe que na Alemanha fenomenológica de então, se podia fazer a “descrição de um copo em uma mesa de bar, - e que isso era “filosofia”! Assim como a literatura da época não nos poupou páginas infindáveis e aborrecidas, que “descreviam” com todos os seus detalhes, presumivelmente infinitos, uma maçaneta de

---

1 Temos em mente, aqui, o prefácio um tanto quanto provocativo de Carlos Alberto Ribeiro de Moura à edição brasileira de *Ideias I*, de E. Mundo, no qual o tradutor profere



porta “concreta”. Mas o que Husserl teria a ver com tudo isso? Rigorosamente nada (MOURA, p. 17-8, *In. HUSSERL*, 2006).

Na contramão do que aponta Carlos Aberto, encontramos ainda muitos autores que defenderão que a fenomenologia se faz como um *movimento* contínuo, que tem, por excelência a necessidade de se reinventar, em vista de se aproximar cada vez mais de seu objeto privilegiado – a saber, a existência humana, em sua concretude; em seus múltiplos modos de realização. Nesse sentido, posiciona-se Spiegelberg, em sua obra canônica *The Phenomenological Movement*.

Em que sentido um termo vago como “movimento”, muito mais apropriado à cena política, social, ou artística, se aplica a uma filosofia como a “fenomenologia”? O que se segue me parece fornecer sustentar a tal metáfora: (1) A fenomenologia é um movimento em contraste com um estacionário, uma filosofia com um movimento dinâmico, cujo desenvolvimento é determinado pelos seus princípios intrínsecos, bem como por seus "objetos", a estrutura do território encontrado, (2) Como um fluxo que cumpre com várias correntes paralelas, que são relacionadas, mas de modo algum homogêneas, e podem se mover em velocidades distintas. (3) Elas têm um ponto de partida em comum, mas não necessitam ter um destino definitivo e previsível em comum; isso é compatível com o caráter de um movimento cujos componentes se departem em direções distintas (1965, p. 2, tradução nossa).

Pois, Spiegelberg enfatiza o caráter de incompletude da fenomenologia, que permanece sempre por se fazer; sempre em vista de uma maior explicitação de seu objeto privilegiado. Nesse sentido, o modo de fazer filosofia é sempre determinado pelo seu objeto de análise, que, em certo modo, sempre se recusa a se doar por completo; de forma tal que os diversos modos de fazer fenomenologia se mostram tão distintos quanto complementares, na medida em que desvelam modos de ser, sempre parciais, ainda que concomitantes.

Este objeto privilegiado de investigação se mostra como o ponto de partida incontornável para uma filosofia da existência – que só poderia encontrar o solo fértil para se frutificar a partir um pensamento que retornasse àquilo que há de mais originário: a subjetividade. No entanto, a subjetividade que a fenomenologia reivindica não é um sujeito de sobrevoos, apartado da realidade, que constitui em si a realidade, ou, nos termos de Merleau-Ponty (1945), um “absoluto solitário” que reencontra apenas a si mesmo, incompatível com qualquer forma de alteridade.



Mas um sujeito situado, inserido na dimensão fática, que participa do mundo, e não está alheio às contingências que o constituem – mas nem por isso o determinam. Pois a facticidade é precisamente o plano de fundo que permite que a liberdade humana se realize. Como Sartre bem nos ensinou: somos livres precisamente porque somos situados. Esta é a maior lição que a juventude francesa das décadas de 1930 e 1940 vai encontrar no pensamento husserliano.

Ressoando a interpretação de Spiegelberg, encontramos a descrição fornecida por Merleau-Ponty, em seu belíssimo prefácio à fenomenologia da percepção, em que o autor proclama (2015, p. 20):

Será preciso então que a fenomenologia dirija a si mesma a interrogação que dirige a todos os conhecimentos; ela se desdobrará indefinidamente, ela será, como diz Husserl, um diálogo ou uma meditação infinita, não saberá onde vai. O inacabamento da fenomenologia e o seu andar incoativo não são o signo de um fracasso, eles eram inevitáveis, porque a fenomenologia tem como tarefa revelar o mistério do mundo, e o mistério da razão.

Como Merleau-Ponty aponta, a tarefa da fenomenologia consiste em desvelar *os mistérios do mundo* e *os mistérios da razão*. Mas esta dupla tarefa, por sua vez, consiste em uma tarefa única: que só pode ser realizada no momento em que estes dois polos se encontrarem em um – que é, precisamente, a relação entre ambos. Pois o mundo só existe para uma consciência que o apreende, e só se releva à razão humana; esta razão, com todo seu mistério, é derivada de uma atitude prévia, que é o próprio pertencimento ao mundo que lhe é, até então, desconhecido. A nossa vinculação originária com o mundo é, fundamentalmente, irracional. E é sobre ela que a razão erige, e é a ela que a razão descobre. E a tarefa fenomenológica, por excelência, é precisamente explicitar tal vinculação, e tematizar o irracional.

A unidade desta tradição será caracterizada, sobretudo, por uma dualidade – mas não um dualismo separatista, como uma leitura apressada do pensamento cartesiano poderia ecoar – mas uma ambiguidade, que é expressa pela indissociabilidade entre dois polos complementares: consciência e mundo,



liberdade e facticidade – mas que nem por isso deve ser lida como uma relação entre sujeito e objeto, ainda em ecos demasiado modernos, predominantemente epistêmicos. Mas sim um retorno ao modo de ser mais originário, em seu simples pertencimento ao mundo. E é este participar do acontecimento – a que somos acometidos e nos convoca a responder livremente constitui o modo de ser da realidade humana – que norteia as investigações aqui em questão.

O primeiro artigo deste dossiê aborda os temas concernentes ao surgimento da fenomenologia, desde a sua origem: realizamos, com isso, um retorno às temáticas clássicas que motivaram o surgimento da fenomenologia em seu questionamento originário a respeito do conceito de número – o que motivaria uma investigação a respeito das essencialidades, remetendo-nos à investigação acerca da essência do conhecimento. Com isso, somos levados a investigar o próprio conhecer, reconduzindo a investigação para uma subjetividade que se revela indeclinável a uma investigação de cunho fenomenológico.

No entanto, é sabido que a fenomenologia husserliana se inicia com uma investigação acerca do conhecimento; mas, nem por isso, ela repousa neste campo de investigação. O desdobramento da fenomenologia desagua em uma análise acerca do modo de ser consciência, em sua relação direta e imediata com o mundo, i.e., nos diversos tipos de atos de consciência que se reportam ao mundo, em vista de trazê-lo ao aparecimento, em seu teor de *fenomenalização* inerente à subjetividade.

O segundo artigo que dá continuidade ao presente Dossiê Temático, de autoria de Higor Claudino, intitulado “Notas para uma aproximação com o existencialismo”, realiza uma reconstituição do percurso histórico da tradição existencialista, partindo de autores centrais para o desenvolvimento de tal tradição. O autor delinea um fio de continuidade que principia no pensamento de Kierkegaard, a partir da noção de *angústia* presente em seu pensamento, demonstrando como tal noção é recebida por Heidegger e desdobrada em sua *opera*



*magna, Ser e Tempo*. Em seguida, o autor aprofunda a recepção do pensamento heideggeriano por um dos autores paradigmáticos do existencialismo francês, Jean-Paul Sartre, enfatizando a conotação propriamente política que se acentuará nos escritos tardios do filósofo francês.

Destacamos, aqui, a forte influência da fenomenologia para o desenvolvimento desta ampla tradição, popularizada sobre a alcunha de “movimento existencialista”. O segundo artigo deste dossiê nos lembra da importância do pensador dinamarquês que nos convoca a pensar na finitude da condição humana que nos angustia com própria existência; o que viria a se tornar objeto de investigação privilegiado no pensamento de Martin Heidegger, no desenvolvimento de sua analítica existencial. Mas, ainda, as influências deste movimento não se esgotam por aí.

O seguinte artigo que compõe este dossiê, de autoria Rafael Molina, intitulado “Notas sobre o Momento da Existência na Filosofia Francesa” se revela em teor de continuidade com a temática em questão, enfatizando o espírito em voga na tradição francesa à época; evidenciando uma certa leitura da fenomenologia que enfatiza o teor existencial que norteia tal temática em questão. O autor ressalta a relevância do contexto histórico em voga durante o desenvolvimento do que foi convencionalmente compreendido como o *Existencialismo Francês*, e como o *Zeitgeist* desta época se mostrou relevante para levar a geração de pensadores das décadas de 1930 a 1940 a pensarem a existência. Deste modo, é nítido que a tradição existencial francesa só se torna possível a partir de um determinado horizonte histórico que a motiva; não podendo jamais ser pensada a partir de uma subjetividade meramente formal, de sobrevoo e apartada da realidade, mas como um pensamento historicamente situado, que encontra seu solo fértil durante um contexto de guerra, que nos coloca diante de nossa própria finitude.

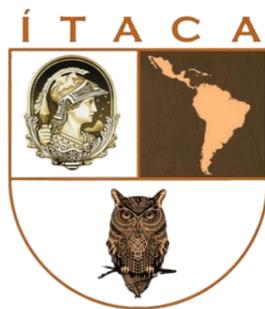
No presente artigo, o autor nos convida a voltar os olhares não apenas para a situação histórica da França num contexto de guerra, mas também para as



influências de autores como Hegel, e a relevância da mediação de Kojève para a recepção francesa do pensamento hegeliano, e como estes fatores se mostraram essenciais para o desenvolvimento dos pensamentos de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, em suas formas de pensar este contexto, e de como pensar uma relação dialética com a história, a partir do desdobramento dos possíveis modos de existência e resistência a partir de tal situação histórica. Com isso, Molina demonstra como esta recepção mediada influencia amplamente o pensamento existencial, contribuindo para o desenvolvimento de obras canônicas a tal tradição, dentre elas, a *opera magna* de Jean-Paul Sartre *O Ser e o Nada*.

No quarto artigo presente neste dossiê, “Merleau-Ponty às voltas com a psicologia: dificuldades e perspectivas de seus primeiros escritos”, Rafaela Ferreira Marques nos convoca a realizar um novo retorno às origens da fenomenologia francesa, voltando a luz a outras influências igualmente relevantes e essenciais para o desenvolvimento do pensamento de Merleau-Ponty: o diálogo com a filosofia da Gestalt e com a psicologia experimental amplamente em voga à sua época.

A autora resgata a importância de retornar aos escritos iniciais de Merleau-Ponty, demonstrando como a preocupação em realizar um estudo acerca da percepção – enfatizando a dimensão propriamente corporificada do comportamento humano, a partir de uma interpretação fenomenológica dos resultados fornecidos pela psicologia experimental e dos diálogos com as produções científicas vigentes – já se fazia presente, desde os escritos anteriores à *Phénoménologie de la Perception*. Deste modo, Rafaela Marques ressalta a preocupação de Merleau-Ponty em retomar o diálogo com a psicologia experimental trazendo a esta um novo olhar que reinterprete o sujeito em questão, não mais como um mero corpo, entendido como um objeto fático, apartando-se do seu objeto de estudo, fazendo-se estrangeiro em relação a ele; mas entendendo o sujeito em questão como um *corpo vivo*, como um *corpo fenomenal* e



*fenomenolanzante*, rompendo a perspectiva dualista que se mostra obsoleta diante da preocupação que norteia a investigação em questão – a saber, a *existência humana*, tal como se realiza, em seu pertencimento ao mundo circundante.

Esticando o fio de continuidade do pensamento de Merleau-Ponty, encontramos o seguinte artigo presente nosso dossiê – que se ocupa em tratar dos escritos posteriores de Merleau-Ponty, em vista de pensar uma nova compreensão a linguagem, a partir de nosso modo de significação do mundo no qual nós participamos. Em seu artigo intitulado *O Momento da Expressão*, André Dias de Andrade enfatiza a relevância de Merleau-Ponty para pensar, fenomenologicamente, como a linguagem pode ser pensada de modo a retratar nossa vinculação mais originária com o mundo. Isto é possível na medida em que pensemos a linguagem partir de uma perspectiva mais originária, desvinculada de qualquer mediação representacionista, que se interponha a nossa relação imediata com as coisas que nos cercam. Assim, o problema da linguagem passa a ser abordado como o *problema do sentido*, requerendo um outro aporte conceitual que extrapola a dimensão meramente semântica – considerando a linguagem não apenas naquilo que é meramente *dito* a partir de um mero complexo fônico articulado, mas pensada a partir de seu teor intencional, a partir daquilo que é *significado* pelo uso dos termos.

Deste modo, a partir de um estudo da linguagem – pensada não apenas a partir de seu *signo*, mas do *sentido* por eles expresso – nosso modo fundamental de relação com o mundo passa a ser, também, revelado. Em vista disso, Andrade nos convida a participar desta reflexão tematizando, especificamente, o campo da literatura como um solo fértil a partir do qual se revela nosso modo de significar o mundo. O que é nos revelado por Andrade não é mais a linguagem já morta, em seus signos sedimentados, de um modo estático e já constituído, mas a linguagem como *ato expressivo*, uma linguagem viva, que se faz conjuntamente com o

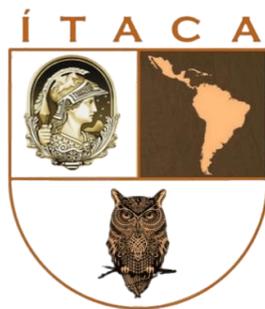


movimento da existência, constantemente por se fazer, em sua incompletude constitutiva.

Voltemos, agora, os nossos olhares para o próximo artigo deste dossiê, de autoria de Gabriel Gurac Guedes Paes, intitulado “‘Vida Imaginária’ e ‘Vida Real’: a ambiguidade da correlação indissociável entre dois planos irreduzíveis um ao outro”. O autor enfatiza a necessidade de que esta existência humana se realize sempre em sua situação fática – até mesmo quando se esforça para apartar-se dela. Isto é evidenciado a partir dos escritos de Jean-Paul Sartre, ainda na década de 1930, a partir de seus escritos sobre a vida imaginária, busca por ultrapassar o real. No entanto, se na atitude imaginante a consciência humana busca nega o real em direção ao irreal, isto só é possível por ela estar previamente inserida na realidade fática – esta é a condição necessária à consciência, que é descrita a partir de seu teor de transitividade necessária, que requer que ela esteja sempre em relação ao mundo, sem o qual ela não seria, como uma necessidade ontológica.

O autor nos mostra que o imaginar é, constitutivamente, um dos múltiplos modos de a consciência se reportar ao mundo. E, como tal, partilha da mesma estrutura intencional constitutiva da consciência – nos termos de Sartre, a necessidade de a consciência existir enquanto algo que não ela mesma. “Essa necessidade da consciência de existir como consciência de outra coisa que não ela mesma, Husserl a chama de ‘intencionalidade’” (SARTRE, 2005 p. 57), que consiste basicamente no teor *relacional* da consciência, em sua busca por seu objeto que se encontra, por excelência, fora dela; requerendo que ela se insira diretamente em sua situação fática. Deste modo, “a consciência e o mundo são dados de uma só vez: por essência exterior à consciência, o mundo é, por essência, relativo a ela” (SARTRE, 2005, p. 56).

Isto caracteriza, por sua vez, uma leitura muito particular realizada por Sartre da fenomenologia husserliana, interpretando-a a partir dos contornos ontológicos que este lhe confere, que lhe permite superar as preocupações

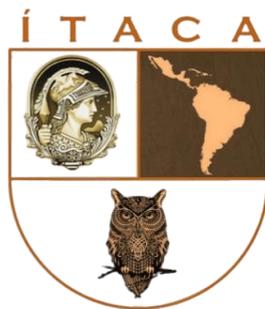


epistêmicas, tipicamente modernas, que a reduzem a uma relação entre sujeito e objeto; a consciência é entendida como um *modo de ser* da realidade humana.

No entanto, não existe um único modo de ser possível, pelo qual a consciência possa se realizar; mas o modo de ser da consciência é, precisamente, o de se reinventar continuamente a cada instante, é o de ser sempre por se fazer. Dentre os múltiplos modos possíveis, Gabriel Paes enfatiza, em seu artigo em questão, a necessidade de escapar de sua condição de indeterminar, como uma fuga do real em direção ao imaginário; fuga da assombrosa indeterminação, que ela mesma é, e da facticidade incontrolável que está perpetuamente além do meu controle. A consciência, assombrada – consigo mesma, e com o que ela não é –, busca refúgio no mundo imaginário, onde ela pode repousar na (i)realidade que ela mesma cria para si.

Esta necessidade de a consciência existir sempre em situação requer, por sua vez, que a consciência exista sempre como um *ato* que se reporta ao mundo. Isto nos leva a uma questão central no pensamento sartriano: a noção de engajamento. Precisamente por ser sempre situada, a existência humana é inelutavelmente engajada. Esta temática será desdobrada no artigo seguinte, de autoria de Braulio Giordano, intitulado “Engajar-se artisticamente: o ser humano como ponto de partida da mudança”.

Vimos até aqui que a consciência humana, tal como Sartre a compreende a partir de sua leitura ontológica da noção de intencionalidade herdada da fenomenologia husserliana, é compreendida como um puro ato em direção ao mundo. E, como tal, não permite que nada exista em seu interior. Esta necessidade de a consciência existir como algo que não ela mesma requer que ela se reinvente a cada instante, de modo que ela é completamente indeterminada. Esta indeterminação ontológica da consciência é compreendida em termos de uma *liberdade radical*, ontologicamente fundamentada na noção de intencionalidade. Mas, por outro lado, esta liberdade implica na necessidade de que a consciência,



entendida como modo de ser da realidade humana, precisamente por sua ausência de determinações intrínsecas, assuma a responsabilidade pelo exercício pleno de sua liberdade a cada instante, cada ação realizada, a cada ato consciente dirigido ao mundo.

Dito de outro modo: a realidade humana é liberdade na facticidade; precisamente por ser liberdade, a consciência é responsável por si própria, e por toda a humanidade na qual repercute o efeito de suas ações. Por ser situada, a consciência é necessariamente engajada. Portanto, toda ação humana é, necessariamente, engajada. Dentre os múltiplos modos possíveis de engajamento, Giordano lança a luz sobre o *engajamento artístico*, como um dos modos de convocar a humanidade a refletir sobre a sua condição – que, por lhe ser tão íntima, parece ainda assim tão distante.

Visto isto, o seguinte artigo aqui presente nos desafia a pensar a possibilidade de aplicação de tal arsenal conceitual na nossa vida prática; destacando a relevância da fundamentação fenomenológico-existencial para o desenvolvimento de uma psicologia fenomenológica. O artigo “Existência e Finitude I: o enigma de uma morte vivida em Jean-Paul Sartre”, de autoria de Thiago Sitoni, nos convoca a utilizar-nos do aporte teórico existencialista para pensar a presença do outro, como um objeto ausente, mas que se mostra presente ainda diante de nós, mesmo a partir do cessar de sua vida. Deste modo, a morte é pensada como um dado da existência, que nos cerca e nos constitui.

Não somente, o artigo de Sitoni nos leva a pensar a importância de uma ontofenomenologia para muito além de uma simples filosofia de gabinete, que repousa nos livros, em uma pura teoria desvinculada da prática; mas, sim, pensá-la a partir de questões que atravessam os diversos aspectos de nossa vida. Deste modo, a fenomenologia – por sua incompletude característica – se desdobra conjuntamente ao movimento da existência que permanece constantemente por se fazer, sem jamais reduzir-se a uma única forma de pensar, a uma única visão de



mundo, a uma situação privilegiada, ou a um único autor. Tendo a subjetividade como dado irreduzível – mas sem, no entanto, reduzir o sujeito a um conjunto de formas puras, desvinculadas do contexto fático – a fenomenologia se revela como um embasamento privilegiado para pensar as múltiplas formas de constituição da subjetividade e, ainda, os inesgotáveis modos possíveis de subjetivação. Tal forma de compreensão da subjetividade, em se fazendo, a qualifica como um embasamento teórico privilegiado para a realização de uma psicologia de matriz fenomenológica – ou ainda, uma psicanálise existencial, tal como Sartre propõe ao fim de sua *opera magna*. Esta proposta é apresentada por Sitoni, ao utilizar-nos do método proposto por Sartre para pensar a situação singular do luto, naquilo que ela pode nos mostrar de universal, a partir da vivência individual, em seu presente artigo.

Este dossiê tomou por tarefa abarcar algumas temáticas concernentes à condição humana, iluminando certos aspectos essenciais do modo de ser que nos é próprio; angústia, liberdade, corporeidade, facticidade, realidade, imaginação, engajamento. Contudo, sabemos que isto, de modo algum, exaure a infinidade de modos possíveis de exercício da existência. Não tomamos como proposta exaurir a multiplicidade temática que nos circunda, mas voltar os olhares para a infinidade de possíveis que nos rodeia. Nem, tampouco, pretendemos forjar uma unidade impositiva a uma tradição que permanece, ainda, inacabada, e com destinos incertos; ou ainda dar um a um movimento tão incessante quanto o fluxo consciente. Mas, apenas fomentar possíveis reflexões e incentivar trabalhos futuros a traírem a sua origem e buscarem novos destinos.

## II. A Superação dos Dualismos

Ainda, tal indissociabilidade entre o sujeito e o mundo, em sua busca pela superação dos dualismos tipicamente modernos, faz remontar, em suas raízes, ao pensamento Nietzscheano em sua crítica à metafísica, concebendo a história da filosofia como uma história dos dualismos que remonta a um platonismo ainda não



superado. Deste modo, o espírito do filosofar nietzscheano se fez necessário para romper com o idealismo que nos afastava, cada vez mais, da realidade vivida, almejando um ideal irrealizável que encontrava sempre *mais além*. E é nesse sentido que compreendemos que Nietzsche se insere em tal tradição, como sendo aquele que tornou possível que esta se realizasse; sendo um espírito livre que rompe as barreiras da dualidade, que nos permite reinserir o sujeito diretamente onde ele sempre esteve: só e desamparado, lançado ao mundo, em meio às coisas, i.e., *em situação*.

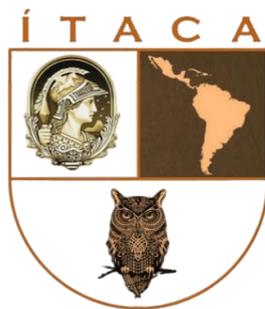
Como Sartre afirma, na introdução de *O Ser e o Nada*, Nietzsche nos libertou da “ilusão do trás-mundos” (SARTRE, 2015, p. 16) que nos levava a conceber um ser por detrás da aparição. Libertando-nos dos dualismos modernos, somos permitidos reconduzir a investigação à dimensão do aparecimento – não mais obliterada por um ser que seria ocultado como que por detrás dela, mas entendendo agora que o ser *é tal como* nos aparece, e não algo distinto deste.

Mas se nos desvencilharmos do que Nietzsche chamava “a ilusão do trás-mundos” e não acreditarmos mais no ser-detrás-da-aparição, ela se tornará, ao contrário, plena positividade, e sua essência um aparecer que já não se opõe ao ser, mas, ao contrário, é a sua medida. Porque o ser do existente é exatamente o que se *aparenta*. Assim chegamos à ideia de *fenômeno* como pode ser encontrada, por exemplo, na “Fenomenologia” de Husserl ou Heidegger (SARTRE, 2015, p. 16).

A partir disso, ressaltamos a importância do pensamento Nietzscheano para romper com a dualidade que, tipicamente, pensou o sujeito como apartado do horizonte fático, desvinculado de sua existência. Enfatizamos, com isso, a relevância de Nietzsche como um dos autores que ressaltou a necessidade de reinserir o humano – não mais um mundo verdadeiro que existisse como uma *coisa em si* para além do fenômeno; “O mundo verdadeiro, inalcançável, indemonstrável, impossível de ser prometido, mas, já enquanto pensamento, um consolo, uma obrigação, um imperativo”<sup>2</sup>. O autor nos revela que “do mundo metafísico nada se

---

<sup>2</sup> NIETZSCHE, F. "Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe". 15 vols. Berlim/Munique: Walter de Gruyter, 1988. Apud. MOTA, André Luiz. „As objeções de Nietzsche ao conceito de coisa em si” In. *Kriterion, Revista de Filosofia* (54) 128, Dez 2013.



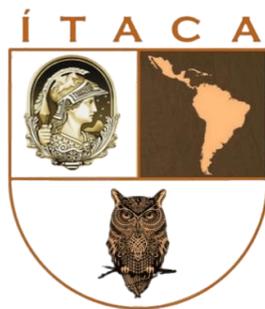
poderia falar além do seu ser-outro, um para nós inacessível, incompreensível ser-outro; seria uma coisa com propriedades negativas” (NIETZSCHE, 2005, p.20).

Deste modo, acabando com o a *coisa em si*, acaba-se com a dualidade, e aquilo nos resta é o mundo fenomênico, em sua existência trágica e incompleta, que se revela sempre por se fazer. Com isso, o campo de investigação passa a se tornar o fenômeno ele próprio, tal como ele se mostra – plenamente indicativo de si mesmo, não mais de nada que poderia existir *por detrás* dele.

A partir disso, damos continuidade com o nosso dossiê abordando artigos que se voltam para o pensamento de Friedrich Nietzsche. Dentre eles, o primeiro, o artigo “[...] o homem é o Deus do homem” e a Morte de Deus: Considerações Acerca do Ateísmo de Feuerbach e Nietzsche”, de Wesley de Jesus Barbosa, aborda o ateísmo de Feuerbach em suas considerações sobre o conceito de Deus como projeção humana e em diálogo com Nietzsche, que, por sua vez, afirma a morte de Deus. Apresentando o dualismo entre os dois autores, Barbosa contextualiza os dilemas que giram em torno da tradição cristã na ocidentalidade, averiguando seus impactos na modernidade.

Dando prosseguimento ao desdobramento da temática que norteia este dossiê, entramos, agora, na seção de resenhas: a primeira, da obra “Inversão Vertical dos Bárbaros”, de Mário Ferreira dos Santos, escrita por Paulo Fernandes Braga; a segunda, da obra “Thinking the New World”, de Steven S. Gouveia, escrita por Romeu Ivoleta Neto.

Na primeira resenha que abre esta seção, Braga aborda as reflexões filosóficas de Mário Ferreira dos Santos. Nesta obra, colocam-se em questão conceitos sedimentados no pensamento moderno, que são postos como norteadores das condutas sociais, tais como: a noção de *natureza humana*, à qual subjazem conceitos como o *bem* e o *mal*, que propõe absolutos e inquestionáveis, de forma dogmática, e irrefletidamente acatados socialmente. Em diálogo frutífero com o pensamento nietzscheano, somos confrontados com nossa própria humanidade que



se revela, outrossim, para além do bem e do mal – sendo, ainda, a fonte a partir do qual se produzem tais noções de bem e mal, utilizadas – por muitas vezes – como forma de controle social, a partir do qual a noção de humanidade é fabricada.

Nesse sentido, Braga utiliza-se do aporte conceitual fornecido pelo pensamento nietzscheano para colocar em questão a noção de *natureza humana*, bem como a artificialidade a própria noção de *humanidade*. A partir disso, Braga nos convida a refletir acerca da naturalização de construções culturais, socialmente impostas que mascaram sua própria artificialidade com vestes de moralidade. Com isso, somos confrontados com os valores modernos que regeram a nossa sociedade, fabricando condutas e produzindo subjetividades. Assim, confrontados com a ruptura da noção de *natureza humana*, diante de sua obsolescência iminência, com o ultrapassamento dos tempos modernos em direção a uma *pós-modernidade* irrompida, somos confrontados com a própria *condição humana* de indeterminação existencial, em meio a um *porvir* infundável.

### III. Inacabamento e Indeterminação

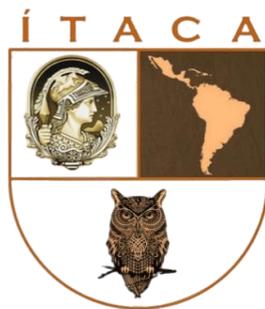
Para além de sua origem modernamente situada, o campo de investigação fenomenológico – bem como o desdobramento das questões acerca da existência humana – não parece, ainda, ter atingido seu ponto final de culminância. Ainda nos dias atuais, encontramos diversas áreas do conhecimento que se mostram profundamente influenciadas pela fenomenologia ou, ainda, em diálogos auspiciosos entre os mais vários campos de investigação. Com o desenvolvendo das ciências contemporâneas, e o surgimento de novas questões que vem atravessando a nossa existência, de forma cada vez pervasiva, temos constatado a necessidade de colocar a filosofia em diálogo com outras disciplinas em vistas de refletir acerca de questões de cunho ético, científico e, até mesmo, biológico. Em última instância: temos visto um esforço interdisciplinar hercúleo para resolver a questões que acometem a humanidade de forma súbita e inconclusa, tais como: *O que nos torna humanos? O que é a humanidade? O que é a consciência humana?*



Ainda, fomentando as discussões acerca da existência humana, contemporaneamente, os diversos campos das ciências são convocados a lidar com questões a respeito do que é próprio à humanidade, ou ainda, quais seriam os fatores inerentes e imprescindíveis à consciência humana. Tais questões, de extrema relevância para o aprimoramento científico e tecnológico, fomentam os diálogos mais recentes entre a fenomenologia e as ciências cognitivas ou, ainda, ciências biológicas e tecnológicas. Os pesquisadores das mais diversas áreas são convidados a incorporar tais debates, em vistas de pensar se seria, de fato, possível reproduzir um modelo de consciência artificial; ou, até mesmo, um modelo de linguagem que possa ser compreendido como “inteligente”.

Para tanto, os estudos voltados para a consciência, sobretudo no que diz respeito a seu teor *fenomenal*, i.e., ao acesso em primeira pessoa ao fenômeno revelado pela consciência, só podem ser respondidos a partir de um esforço colaborativo entre ciências tecnológicas, biomédicas e fenomenológicas; a partir do qual a fenomenologia pode fornecer as bases conceituais e fundamentos epistemológicos a partir dos quais os resultados científicos e experimentais possam vir a ser conceituais, e seus fundamentos explicitados.

Nesse sentido, damos prosseguimento ao próximo artigo do nosso dossiê, que salienta a necessidade de pensar a existência, contemporaneamente, a partir do desenvolvendo deste novo campo de estudo que vem sendo amplamente alargado: os estudos no campo da Inteligência Artificial. Dissertando sobre o crescimento do campo da Inteligência Artificial, Romeu Ivoleta Neto apresenta o pensamento de Steven S. Gouveia em relação a uma ética do desenvolvimento e do uso da IA. Quais os impactos sociais destas máquinas, como estas poderiam ser utilizadas em benefício social ou como armas destrutivas no mundo atual? Ao passo em que a IA pode ser uma ferramenta indispensável para a manutenção das relações globais e interpessoais, seu rápido desenvolvimento gera conflitos que necessitam de explanação e desdobramento. Tais questões são tematizadas ao longo do artigo.



Por fim, o último texto que fecha este dossiê – tão plural e profundo quanto os múltiplos modos de exercício da liberdade humana – consiste numa tradução realizada em coautoria entre Cello Latini Pfeil e Bruno Latini Pfeil da obra “Trans-anarquismo: corporeidade transgênera e desestabilização do estado”, de Elis L. Herman, que investiga as relações entre as práticas anarquistas realizadas no âmbito político – como um movimento de libertação contra a autoridade exercida pelo Estado e pelos instrumentos de controle e de poder social; e o movimento de libertação dos corpos individuais, realizado pelo próprio sujeito, como uma forma de exercício de uma subjetividade não governada, enclausurada numa moralidade pré-constituída, que pré-determina os modos de ser a serem reproduzidos pelos sujeitos.

Portanto, a luta trans-anarquista se configura como uma luta para não ser governado; ou ainda, melhor dizendo: como uma forma de autogoverno sobre seus próprios corpos. Com isto, percebemos que a luta do trans-anarquismo atravessa, também, uma luta pelo exercício da *existência* em seu modo mais próprio, como um modo de recuperação da liberdade constitutiva do sujeito. Em última instância: a própria existência de tais corpos nos espaços públicos se mostra como uma luta diária, cuja reivindicação central é simplesmente *ser*; de modo tal que a pura existência já se mostra, por si só, revolucionária.

#### IV. Conclusão

Esperamos, com isso, que os artigos cuidadosamente escolhidos para compor este dossiê temático possam, ainda que de modo parcial e incompleto, evidenciar alguns dos inesgotáveis modos de ser da realidade humana e de exercer a sua existência nas mais diversas situações que nos acometem.

Sabemos, com Sartre, que a liberdade humana se singulariza das mais diversas formas – sobre horizontes fáticos ou menos adversos. Sabemos que nossa existência é situada e conflituosa, e que por muitas vezes nosso campo de liberdade é tão restrito, que parece quase nulo. A liberdade não se realiza de modo igual, em



cada um de nós; mas é somente em relação à adversidade do mundo que ela pode ser expressa, em seu poder de agir ativamente na história e participar ativamente da construção de sua situação. E é no horizonte do projeto compartilhado, no exercício da coletividade, que nós conseguimos ampliar nosso campo de ação e modificar a realidade fática.

Convidamos nossos leitores a exercitarem sua liberdade conjuntamente conosco, neste contexto específico e serem coautores dos textos aqui em questão. Pois, como Sartre nos mostra em *O Que é Literatura?*, todo leitor é co-autor do texto em questão, na medida em que empresta sua liberdade aos signos impressos, e os preenche, animando-os de sentido por meio de um ato consciente. Convidamos você, leitor, a escrever conosco este dossiê, e fazer parte dessa vivência compartilhada nas páginas que aqui se seguem. É somente pelo emprego da *sua* liberdade, em um ato de solidariedade com o auto, que as palavras ganham sentido.



## BIBLIOGRAFIA

HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ed. Ideias & Letras, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2017.

MOTA, André Luiz. „As objeções de Nietzsche ao conceito de coisa em si” In. *Kriterion, Revista de Filosofia* (54) 128, Dez, 2013.

NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo C. de Souza. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. “Intencionalidade: um conceito fundamental da fenomenologia de Husserl.” In. *Situações I*. Trad. Cristina Prado. Prefácio de Bento Prado Jr. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*. Trad. Paulo Perdigão. São Paulo: Ed. Vozes, 2015.

SPIEGELBERG, Herbert. *The Phenomenological Movement: a Historical Introduction*. Netherlands : Martinus Nijhof, The Hague. 1965